

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *fornal do Brasil*

Class.: 106

Data: 5 de julho de 1987

Pg.: \_\_\_\_\_

# Usinas de ferro-gusa devastarão florestas de Carajás

Oscar Valporto

As usinas de ferro-gusa que estão sendo instaladas na área do Programa Grande Carajás vão provocar a devastação da mata equatorial na região. O alerta é do próprio superintendente de Meio Ambiente da Companhia Vale do Rio Doce, Francisco de Assis Fonseca, em parecer assinado no dia 7 de abril passado. O superintendente afirma que "uma vez instalada a siderurgia a carvão vegetal, será criada uma pressão sócio-econômica adicional que pode conduzir a uma total erradicação da mata nativa em toda a região em futuro não muito distante".

Até agora, 11 empresas já tiveram seus projetos aprovados para produzir ferro-gusa — insumo necessário à produção de aço e que é conseguido com carvão vegetal — no Programa Grande Carajás, que engloba uma área de 900 mil quilômetros quadrados: 11% do território nacional. Outros quatro projetos para a construção de usinas de gusa estão em análise e 10 empresas já mandaram cartas-consulta e preparam projetos para conseguir sua instalação em Carajás.

No parecer, em que analisa um estudo da KTS — uma empresa alemã — sobre a viabilidade da siderurgia a carvão vegetal em Carajás, o superintendente de Meio Ambiente garante que "as empresas que estão se instalando para produzir gusa no Norte não estão tomando nenhuma providência para reflorestamento". Fonseca acha também que a imagem da Vale sairá arranhada, pois "será difícil para a empresa se defender das acusações de ser a principal responsável pela devastação das florestas equatoriais".

— Estamos às vésperas de uma catástrofe ambiental que nem mesmo nós, do movimento ecológico, desconfiávamos que era tão grave. Pelos nossos cálculos, até 15 milhões de hectares de floresta estão ameaçados de destruição até 1990 — assusta-se o deputado estadual fluminense Carlos Minc, do Partido Verde, que recebeu o parecer na semana passada.

O documento é uma comunicação interna da Companhia Vale do Rio Doce, enviada pela Sumei (Superintendência de Meio Ambiente) à Supes (Superintendência de Estudos e Projetos), sobre um estudo encomendado à Korf Tecnologia Siderúrgica (KTS) que trata da viabilidade de transformar em aço o ferro-gusa a ser produzido com carvão vegetal ao longo da Ferrovia de Carajás, da Vale.

"O estudo da KTS mostra algo já amplamente conhecido: a viabilidade econômica do carvão vegetal na região da Ferrovia de Carajás depende da devastação das matas nativas", frisa Francisco de Assis Fonseca, lembrando que o estudo mostra que "com

carvão nativo os resultados econômicos são positivos, com carvão de reflorestamento, negativos".

Na análise, o superintendente de Meio Ambiente da Vale explica que, mesmo que as empresas estivessem reflorestando, não há ainda conhecimento agroflorestal para o começo de grandes reflorestamentos. Ele comenta ainda que as empresas de gusa em Minas Gerais usam apenas 20% de carvão de reflorestamento e aproveitam o bom sistema viário para coletar carvão. Ao contrário, no Norte, a indústria de ferro-gusa está com planos "de implantação acelerada e o sistema viário é pouco denso".

**Derrubada** — A conclusão de Francisco de Assis Fonseca é que, "nestas condições, é provável que a indústria tenha um ciclo curto e encerre suas atividades logo que se esgotem as matas nativas". O estudo da KTS mostra que nas regiões de Açailândia e Santa Inês, no Maranhão, os projetos já superaram o potencial lenheiro. O deputado Carlos Minc acredita que as empresas só estão procurando a área de Carajás pela facilidade de conseguir a madeira e, conseqüentemente, o carvão vegetal.

— E como soltar uma raposa no galinheiro. Está claro que as empresas vão derrubar toda a floresta que for possível. E depois que elas começarem, será difícil fazê-las parar — afirma o líder do Partido Verde.

O Programa Grande Carajás já aprovou a instalação de cinco empresas de gusa em Marabá, no Pará: Construtora Beter, Itaminas, Logos Engenharia, Cosan e Siderurgia Marabá. Há outros cinco projetos aprovados em Açailândia (MA): Construtora Brasil, Viena Siderúrgica, Florice, SSC (Siderúrgica Serveng Civilsan), Itaminas e Siderúrgica Gafanhoto. O outro projeto aprovado — da Margusa — fica em Santa Inês (MA).

Além do carvão barato, o que atrai essas e as outras 15 empresas que terão projetos analisados são os incentivos fiscais. As indústrias instaladas no Programa Grande Carajás estão isentas do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) e do Imposto de Renda. Para funcionários da Vale, isso explica o interesse em construir usinas de gusa na região, tanto de empresas tradicionais do setor como de firmas sem experiência e conhecimento, verdadeiras aventureiras.

Francisco de Assis Fonseca lembra em seu parecer que o carvão é apenas um dos produtos da floresta que guarda ainda óleos, castanhas, palmitos. "A implantação acelerada da siderurgia a carvão vegetal e a conseqüente pressão para produzir lenha barata em grandes volumes vai inviabilizar o aproveitamento econômico, racional e permanente da floresta", alerta.

O superintendente de Meio Ambiente da Vale argumenta ainda que "implantar a indústria para depois se preocupar com o carvão é uma inversão de valores que vai levar a uma lavra predatória da mata nativa" e que a mata "é uma reserva genética de valor incalculável". Para Fonseca, da maneira que a mata nativa está sendo tratada, ela "estará exaurida muito antes de qualquer jazida mineral da região".

No documento, o superintendente lembra também a importância das florestas equatoriais — "ecossistemas exuberantes, porém frágeis" — nas questões do meio ambiente. Nos últimos anos, a América Latina perdeu 37% da sua área de florestas e a Ásia e a África perderam 53%. Fonseca lamenta também que a imagem da Vale como empresa preocupada com questões ambientais esteja ameaçada.

"A participação em projetos que sem sombra de dúvida dependem da devastação da mata equatorial vai inverter essa imagem."

O superintendente da Vale prevê um futuro tumultuado na região:

"O IBDF será pressionado por ecologistas do Brasil e do exterior e tentará cumprir sua obrigação de proteger as florestas. Os guseiros farão pressão para obter carvão o mais barato possível, isto é, a partir das matas primárias mais densas e mais próximas. As indefinições nas demarcações e titulações de terras agravarão o quadro. Haverá pressão sobre parques e reservas indígenas."

**Crime** — A reação dos ecologistas deve começar logo porque o deputado estadual Carlos Minc já estuda a melhor maneira de "impedir esse crime ambiental e salvar as florestas da região". Nas previsões de Minc, toda a cobertura florestal pode estar arrasada em 10 anos. A previsão do superintendente Francisco de Assis Fonseca não é muito melhor: o estudo da KTS prevê que, se não houver reflorestamento, a capacidade de produção de lenha se esgotará em 20 anos.

"Essa é uma hipótese para argumentar. Na nossa opinião — diz o superintendente — é a hipótese mais realista. O que nos perguntamos é se vai mesmo durar 20 anos".

A conclusão do parecer do Superintendente de Meio Ambiente da Vale não deixa dúvidas sobre a devastação das florestas em Carajás:

"O nosso parecer, portanto, é que existem razões de ordem econômica, de ordem ecológica, de risco à imagem nacional e internacional da Companhia Vale do Rio Doce e de envolvimento em conflitos insolúveis de interesse para que a empresa se oponha às siderurgias a carvão mineral na região da Ferrovia de Carajás, da forma como estão sendo implantadas".



As empresas estão se instalando ao longo da ferrovia de Carajás, que cruza dois estados